O Feminino e o Materno.

Paula Campos[1]

Resumo

O artigo analisa a relação entre feminilidade e maternidade, mostrando que, ao longo da história, a sociedade e a psicanálise tradicional associaram a identidade feminina quase exclusivamente ao papel de mãe. A autora critica esta visão por reduzir a mulher à maternidade e perpetuar desigualdades de género.

A partir da Psicanálise Relacional e de entrevistas realizadas a mães, defende que o feminino e o materno são dimensões distintas da identidade que coexistem numa relação de tensão e ambivalência. A maternidade pode fortalecer o sentimento de feminilidade e transformar profundamente o Self, mas também gerar conflitos entre as necessidades da mulher e as exigências do papel materno.

Conclui que a maternidade não define a feminilidade nem constitui o destino natural da mulher. O desafio está em integrar ambas as dimensões, reconhecendo a mulher como sujeito autónomo e desejante.

Palavras-Chave: Maternidade; Identidade feminina; Ambivalência; Género

Abstract

The article explores the relationship between femininity and motherhood, arguing that throughout history society and traditional psychoanalysis have tended to define women's identity primarily through their role as mothers. The author criticizes this perspective for reducing women to motherhood and reinforcing gender inequalities.

Drawing on Relational Psychoanalysis and interviews with mothers, the

[1] Psicanalista, PsiRelacional
paulacampos99@hotmail.com

article argues that femininity and motherhood are distinct dimensions of identity that coexist in a dynamic and often ambivalent relationship. Motherhood can strengthen a woman's sense of femininity and profoundly transform the Self, but it can also create conflicts between a woman's personal needs and the demands of the maternal role.

The author concludes that motherhood does not define femininity or represent a woman's natural destiny. Instead, the challenge lies in integrating both dimensions while recognizing women as autonomous individuals with their own identity and desires.

Este é um convite para olharmos para as mulheres, olharmos para as mulheres a partir dos meus olhos. Dos meus olhos para os vossos olhos.

Vou começar por trazer um pouco da história, pedaços de história, para vos levar ao ponto que me interessa focar, que é a relação entre o feminino e materno.

Parece ter havido um longo período que se estende desde o Paleolítico, até à Idade de Ferro (até ao século V a.C.) no qual existia o culto à grande e fértil deusa-mãe, que teria engendrado o universo sozinha. Pensava-se que as mulheres, do mesmo modo que as deusas, tinham os filhos sozinhas, sem intervenção do homem, através da inserção do feto em seus corpos, depois do contacto com algum objecto ou animal do cosmos (Laqueur, 1990).

Neste tempo, as mulheres eram valorizadas a partir da maternidade e não eram excluídas dessa experiência, como o foram mais tarde, desde a instauração da Democracia em Atenas.

Aristóteles foi o pensador grego a assumir a posição mais radical contra a mulher e queria eliminar a crença na partenogénese feminina e substituí-la pela partenogénese masculina. (A partenogénese refere-se a um tipo de reprodução assexuada em que o embrião se desenvolve de um óvulo sem ocorrência da fecundação). As suas ideias começam a adquirir forma de teoria,

cujo objectivo seria explicar, através dos critérios que naquela época eram considerados "científicos", que o verdadeiro gerador era o homem e que a mulher não seria mais do que um corpo, onde o homem depositaria o seu germe, para que ela o alimentasse e o conservasse.

Por detrás desta concepção acerca da reprodução, construída por Aristóteles (a partir, sem dúvida, de uma representação que já se encontrava presente nos mitos), havia a necessidade de definir o feminino como inferior, incompleto e imperfeito, em relação ao masculino. A partir da ideia de que existe uma diferença biológica originária entre os sexos, que associa o masculino com o calor e a perfeição, e o feminino com o frio e a imperfeição, o filósofo, afirmava que o homem, por ter uma constituição quente, era capaz de gerar vida no outro, porque podia cozinhar o sangue, para que este se transformasse em esperma, mas, no entanto, a fêmea, por ser fria, não podia realizar essa operação de metamorfose. Isto, significava que a participação da mulher no acto de gerar vida, era só secundária (Sissa, 1993).

Compreendemos que desde a Antiguidade, se arquitectou a ideia de uma inferioridade biológica feminina para justificar, não só o seu papel secundário na reprodução, mas também, o lugar inferior que ela ocupava na sociedade; Aristóteles, utilizava o termo *akuros* para descrever, ao mesmo tempo, a ausência de legitimidade política e a incapacidade biológica da mulher, ou seja, para mostrar que ela era, tanto política como biologicamente, semelhante a uma criança e uma versão impotente do homem (Laqueur, 1990).

Quero salientar que, desde aquelas épocas remotas, os "homens" (pois até ao século XIX, eram só os homens que pensavam e escreviam sobre estas questões) procuravam símbolos no corpo feminino para justificar o lugar que se queria atribuir à mulher na sociedade, realizando, desse modo, a mesma operação de pensamento que será utilizada na modernidade pelos médicos e filósofos dos séculos XVIII e XIX. Em ambos os casos, o discurso dominante apropriou-se da maternidade, para construir um pensamento adequado ao que supostamente a sociedade necessitava para o seu bom funcionamento; ele

(o homem), é o sujeito das representações, cujo objecto, é a mulher. Só que, na democracia ateniense, edifica-se uma teoria sobre a reprodução que reduz ao máximo a intervenção feminina e, nos séculos XVIII e XIX, inventa-se a ideia, de que a mulher havia sido talhada pela natureza para ser mãe. O peso do sistema patriarcal está presente em ambas as sociedades, embora na sociedade moderna, de um modo muito mais subtil, menos explícito e implacável, do que no caso da sociedade grega (Gomez, 2000).

Sabemos, claro, que existem diferenças anatómicas e fisiológicas entre os sexos, o problema, é que, a partir destas diferenças, configuraram-se classificações hierárquicas para fundamentar uma desigualdade social entre os sexos, que se pretendeu impor de maneira universal (Héritier, 1996). Infelizmente, este problema persiste até hoje, com expressão em demasiados domínios. Para dar um exemplo referente ao mundo da música, surpreendi-me ao saber que desde que implementámos as audições às cegas, as orquestras sinfónicas têm mais mulheres.

O séc. XIX foi um importante marco na origem de uma "nova mulher"; educadora, mãe, criadora da sociedade futura. Passou a esperar-se uma quase omnipotência por parte da mulher e criou-se, assim, na mulher, a obrigação de, antes de tudo o mais, ser mãe.

Este é o início do mito que, ainda hoje (quase duzentos anos mais tarde) continua vivo; o do *amor maternal*, enquanto amor espontâneo, puro, altruísta.

A Psicanálise irá promover a mãe como a grande responsável pela felicidade dos filhos, o que passará a ser uma grande marca caracterizadora do seu papel.

A nova imagem da mulher "normal", será a da dedicação e do sacrifício, características estas que alguns psicanalistas descreviam como pertencendo à «natureza» da mulher (Badinter, 1985). *"A mãe ideal não tem interesses próprios" (Balint 1949, p. 252*); *"A gravidez e a maternidade constituem a compleição da maturidade psicossexual e reprodutiva nas mulheres" (Benedek 1960, p. 1)*; *"A verdadeira feminilidade não contém agressividade" (Deutsch, 1933, 1945).*

A clássica e equivocada ideia, de que a maternidade é o objectivo último da feminilidade, teve dramáticas consequências, como por exemplo, a concepção de que a ambivalência das mães, em relação aos seus filhos é uma aberração, uma vez que, as boas mães, têm a capacidade de sacrificar sempre as suas necessidades, em função das necessidades dos seus filhos.

A psicanálise clássica e todo o movimento social onde estava inserida, deixou um pesado legado às mulheres: a inveja do pénis, a passividade e o masoquismo, a ideia da libido humana ser masculina, a ideia de que a maior realização feminina é gerar um filho homem, etc, etc, etc.

As feministas, numa tentativa de reduzir o enorme desequilíbrio entre homens e mulheres, parecem ter considerado que a maternidade, enquanto elemento exclusivo das mulheres - poderia competir com o poder masculino, simbolizado pelo pénis; não tem um pénis, mas tem bebés na barriga.

E, inadvertidamente, contribuiu para a polarização. Não, não são as mulheres que têm inveja do pénis, são os homens que têm inveja do poder feminino em gerar, afirmaram algumas vozes feministas.

Sempre que polarizamos, perdemos complexidade, e riqueza.

Não creio que a inveja do pénis ou a inveja do útero sejam elementos preponderantes na vida mental da maioria dos homens e das mulheres.

Gostaria de demonstrar que uma das consequências da forma como a sociedade se foi organizando em torno dos temas do feminino/masculino, foi a constituição de uma equivalência entre feminino e materno. Como se, na divisão de tarefas sociais, os homens, subvertendo as suas intenções e a divisão profundamente desigual, dissessem: nós vamos operar a nosso poder na esfera social, mas vocês, mulheres, operam o poder com os filhos. Reuniram argumentos para justificar tal clivagem, que paulatinamente foram sendo desmontados. Por exemplo, a sedutora ideia de que existem cérebros masculinos e cérebros femininos, foi totalmente descredibilizada. A maior parte das características do nosso cérebro, poderiam ser denominadas de andrógenas. Mas, deixarei para outro momento, o interesse por fazer um estudo mais

aprofundado das semelhanças e diferenças entre homens e mulheres.

Convido-vos, agora, a fazermos um "zoom" sobre as duas dimensões de que vos falava, a feminina e a materna, para tentarmos compreender as relações que se estabelecem entre elas.

A maternidade, enquanto processo mental, nasce a partir da feminilidade e essas duas dimensões estabelecem tensão uma com a outra, umas vezes ampliando-se, outras inibindo-se mutuamente.

Da filha e da mulher, nasce uma nova identidade. Quem ela é "aos olhos do mundo" mudará para sempre. E o nascimento da mãe provoca uma transformação tremenda no Self, pois será necessário acomodar esta nova dimensão, uma dimensão que foi pré-concebida desde a infância e que vai, portanto, ao operacionalizar-se, produzir impactos muito amplos. A dimensão materna, obrigará a uma reorganização emocional das fronteiras e da unidade do Self, por várias razões e também por esta: os filhos pedem às mães aquilo que nunca ninguém lhes tinha pedido, em termos físicos e mentais, e obrigam-nas a contactarem constantemente com os seus limites e a ampliarem as antigas fronteiras do self.

O conhecido e coerente Self, coerente mas repleto de ambivalências, é abanado, e as fronteiras recalculadas.

Fiz uma pergunta a 10 mulheres que entrevistei (Campos, 2024): acha que se sente mais mulher desde que é mãe, menos mulher ou uma coisa não tem nada a ver com a outra?

As respostas das mulheres foram quase todas no mesmo sentido que esta de Catarina: "com certeza que me sinto menos mulher, sinto que com a maternidade perdi uma parte de mim"…. mas, ao mesmo tempo "sinto que a maternidade vem preencher um espaço e que, se não acontecesse, ficava a faltar alguma coisa".

As dimensões materna e feminina do Self estabelecem uma tensão, que muitas das vezes se transforma em conflito e cuja natureza é paradoxal. Simplificando, a mensagem da maioria das mães que entrevistei foi neste sentido:

"ser mãe é horrível, mas ao mesmo tempo, nem sei bem porquê, é maravilhoso", faz-me sentir péssima pessoa, mas ao mesmo tempo mais empoderada, mais bonita e feminina (Campos, 2024).

De que forma é que o materno transforma a experiência feminina? Por várias vias:

As mulheres referiram que a experiência de gerar, segurar, psíquica e fisicamente um bebé no útero contribui para um sentimento de poder, de força e de se sentirem mais femininas "no meu corpo existiu um bebé".

Também, a experiência do parto e dessa penetração vivida do interior para o exterior, parece, ter impacto num fortalecimento do sentimento de se ser feminina. Considero que a penetrabilidade faz parte da identidade feminina, é uma experiência corporal com forte significado psíquico. Entendo, também, que as representações da experiência corporal são elementos cruciais na criação do tecido que é a identidade única de cada pessoa (Hartmann, 1950; McDevitt & Mahler, 1989; Schilder, 1935).

A experiência de trazer ao mundo pessoas saudáveis, também parece ter impacto no fortalecimento do sentido de Self: "a ideia de trazer ao mundo um ser que está muito bem, isso traz uma felicidade profunda e uma confirmação do papel de mãe e de mulher também. Uma porta bonita que a maternidade me abriu em termos identitários".

Gostaria de demonstrar, através destes exemplos, o impacto da maternidade na feminilidade, quer de forma mais directa, quer de forma mais indirecta. Indirecta porque a experiência da maternidade confirma a capacidade, a força, a resiliência, a criatividade daquelas que a vivem e, para as mães que têm uma feminilidade investida e integrada com as outras áreas de Self, aquilo que alimenta o seu Self, acaba por alimentar a sua feminilidade. A minha entrevistada Madalena fala-nos desta influência indirecta:

"A maternidade dá-me uma profundidade maior do meu ser, como se me desse mais sulcos, mais altos e baixos. Esta experiência enriqueceu-me brutalmente. E se consigo fazer isto, consigo tudo o resto. E também me sinto mais

feminina." O impacto mais existencial, dissemina influência na experiência feminina de Madalena (Campos, 2024).

A influência mais directa diz respeito às experiências mais directamente ligadas ao feminino, como dar à luz ou engravidar.

A influência do materno sobre o feminino é observada, também, através das lentes da ressonância magnética.

Sabemos, com recurso às imagens cerebrais, que o cérebro das mulheres sofre alterações de longa duração na sua estrutura, quando passa por uma gravidez.

Parece estar sempre presente, como pano de fundo, uma ambivalência entre o feminino e o materno. Uma tensão irresolúvel entre duas dimensões, dimensões essas que, em algumas mulheres, são vividas como partes nucleares da sua identidade. Por vezes é possível fazer uma síntese integrativa entre as duas dimensões, quando os elementos não metabolizados não dirigem os processos psíquicos. Mas nem sempre. Por vezes os elementos não metabolizados são qualitativa e quantitativamente disruptores, a ponto de conduzirem os processos psíquicos e de impedirem a integração entre a dimensão feminina e materna (Campos, 2024). Como no caso desta mulher entrevistada para a BBC. Ela disse "arrependo-me de ser mãe, não da minha filha. Esta não sou eu, isso não é quem eu sou, nem quem eu quero ser. Não é quem eu esperava ser. Os elementos vividos na experiência materna colocaram em causa a identidade desta mulher, ao ponto de ela não se reconhecer. Para compreendermos de forma mais aprofundada os motivos pelos quais o Self materno desta mulher entrou em conflito quase inconciliável com o Self Feminino e existencial dela, teríamos de compreender quais os significados associados a cada uma das dimensões, a feminina e a materna, significados esses constituídos na trama relacional, intergeracional, bem como social e cultural onde esteve inserida.

Também, as condições sociais e culturais em que a maternidade contemporânea acontece, continuam a dificultar esta integração entre as dimensões

feminina e materna. As mães ainda têm dificuldade em aceitar que têm necessidades próprias e que tais necessidades, não são sinal das suas incompetências maternas. A sociedade parece ainda investir nesta concepção de que o feminino, nomeadamente o feminino apropriado da sua sexualidade, é perigoso para o materno.

Ainda assim, mesmo quando conseguimos integrá-las, a tensão ambivalente entre estas dimensões não desaparece, à semelhança do que acontece com o amor e o ódio dentro de nós.

De que forma a feminilidade apropriada da sexualidade pode ser perigosa?

Desde a Virgem Maria, até ao movimento social de reduzir o feminino ao materno e de colocar a mulher como objecto de desejo e o homem como sujeito, aquele que expressa o desejo, passando pelo movimento psicanalítico de estabelecer que as marcas da feminilidade são a renúncia sexual e a aceitação de status de objecto, observamos que ainda hoje, o feminino continua a ser conotado com passividade, com ser um objecto de desejo de alguém.

Já repararam que não temos um símbolo ou imagem feminina, para contrabalançar com o falo, na representação do desejo feminino? Foi Jessica Benjamin (1988) que nos chamou a atenção para este problema.

Embora a imagem da mulher esteja associada à feminilidade e à maternidade, observemos, por exemplo, que a mulher sexy é sexy, mas na sua condição de objecto, não de sujeito. E a mãe? A mãe não é articulada como sujeito sexual, como aquela que deseja activamente algo para ela, bem pelo contrário, é uma figura profundamente dessexualizada.

Porque é que isto é um problema?

As crianças aprendem inconscientemente que a mãe existe para os outros e as meninas identificam-se com alguém cuja subjectividade (erotismo próprio, autonomia simbólica e desejo independente) foi apagada.

O facto de tendencialmente a mulher tornar-se ou mãe ou objecto sexual, gera uma cisão clássica entre a mulher maternal e a mulher desejante, que, por sua vez, alimenta a cisão entre homem enquanto sujeito de desejo e mu-

lher enquanto cuidadora.

Para ajudarmos a reparar este tremendo problema, creio que temos de estar atentos ao tipo de representações que veiculamos, representações de género e do materno e paterno.

A solução real para o problema do desejo feminino, tem de incluir uma mãe que é articulada como um sujeito sexual, alguém que expressa o seu desejo.

Em jeito de conclusão:

Alguns movimentos da psicanálise e do feminismo consideraram que a maternidade é condição para a verdadeira feminilidade. Outros movimentos feministas consideraram que a maternidade impede a feminilidade, expondo desta forma a consideração que dá origem a esta ideia, que é a de que ou somos íntimos do nosso Self, ou somos íntimos dos nossos filhos (Campos, 2024).

A Psicanálise Relacional ajuda-nos a sair destas dicotomias porque fornece um quadro através do qual nos permite observar a regulação simultânea do Self e do campo relacional que nós, humanos, fazemos.

A Psicanálise Relacional ajuda-nos a sair destas dicotomias, também, porque nos permite observar que os movimentos psíquicos se encontram em tensão uns com os outros e que é nesse jogo dialético que tudo acontece. Assim, no jogo que acontece entre Feminilidade e Maternidade, a mente pede espaço psíquico, recursos, para que as duas dimensões possam existir, a mente pede, também, a flexibilidade suficiente para que, em determinados momentos, uma das dimensões preponda em relação à outra.

E termino com um último questionamento.

Então, se as mulheres não nasceram para serem mães, se o destino do feminino não é o materno, porque é que a experiência materna é, tendencialmente, tão impactante da experiência existencial e feminina?

Porque é que os outros papéis que vamos criando e que fazem parte da nossa identidade não têm, habitualmente, lugar tão nuclear ao nível identitário?

Porque é que a minha identidade de psicóloga não é tão estruturalmente

avassaladora da minha identidade, como a dimensão materna?

Talvez porque todos nascemos de mulheres e a sociedade investe as mulheres desta forma, enquanto alguém que faz nascer bebés.

As próprias meninas também se auto-investem, de forma implícita e explícita, enquanto mães e futuras mães desde que são crianças. Fantasiamos e fazemos de conta que somos mães, boa parte das nossas infâncias.

Quando unimos essa pré-concepção, tão profusamente investida, ao objecto da realidade que permite transformar essa pré-concepção num objecto interno, esse processo, para além de produzir um prazer muitíssimo especial, dá um sentido de que o nosso Self está de alguma forma a realizar o nosso destino, utilizando o conceito de destino de Cristopher Bollas (1989).

Talvez, a partir daqui, seja mais fácil de compreender o desgosto de muitas mães que desejam ter filhos, mas não têm. O filho que não têm, compreende a perda de selfes em potencial, a perda de futuros, aquilo que poderia ter sido e não será.

Em Psicanálise Relacional procuramos compreender o que é que leva um sistema a alterar-se, a desequilibrar-se, o que é que é contínuo e o que é que é transformado e, espero que hoje, tenhamos, de alguma forma, cumprido esse propósito em relação ao feminino e materno. Com a ressalva de que os processos históricos, sociais, biológicos, intra e interpsíquicos estão constantemente a interagir, formando sistemas abertos e em constante movimento.

Referências Bibliográficas

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Nova Fronteira.

Balint, A. (1949). Love for the mother and mother-love. *The International Journal of Psychoanalysis, 30*, 251–259.

Benedek, T. F. (1960). The organization of the reproductive drive. *The International Journal of Psychoanalysis, 41*, 1–15.

Benjamin, J. (1988). *The bonds of love: Psychoanalysis, feminism and the problem*

of domination. Pantheon.

Bollas, C. (1989). *Forces of destiny: Psychoanalysis and human idiom*. Free Association Books.

Campos, P. (2024). *Sobre a ambivalência: Feminino, materno e complexidades da vida mental*. LisbonPress.

Deutsch, H. (1933). Motherhood and sexuality. *The Psychoanalytic Quarterly, 2*, 476–488.

Deutsch, H. (1965). *The psychology of women* (Vol. 2). Grune & Stratton. (Obra original publicada em 1945)

Gomez, G. (2000). A maternidade como enigma: Atenas, as Luzes e Freud. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. https://doi.org/10.1590/S0103-73312000000200003

Hartmann, H. (1950). Comments on the psychoanalytic theory of the ego. *The Psychoanalytic Study of the Child, 5*, 74–96.

Héritier, F. (1996). *Masculin/Féminin: La pensée de la différence*. Éditions Odile Jacob.

Laqueur, T. (1990). *La fabrique du sexe*. Gallimard.

McDevitt, J. B., & Mahler, M. S. (1989). Object constancy, individuality, and internalization. Em S. I. Greenspan & G. H. Pollock (Eds.), *The course of life: Vol. 2. Early childhood* (pp. 37–60). International Universities Press.

Schilder, P. (1935). *The image and appearance of the human body*. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.

Sissa, G. (1993). Filosofías del género: Platón, Aristóteles y la diferencia sexual. Em *Historia de las mujeres* (Vol. 1). Taurus.